

Mas o que de mal eu disse deste sacramento ou de outras coisas, tudo entrego à correção da santa Igreja Romana, de cuja obediência eu nunca me desviei nesta vida»

«Diz-se do nosso doutor que, no momento da elevação do corpo de Nosso Senhor, tinha o hábito de dizer: "Vós Cristo, rei da glória, vós sois o filho eterno do Pai ..." até ao fim [do hino Te Deum], com grande devoção e deitando lágrimas.«Depois de ter recebido o sacramento, pediu, com uma devoção que só podia acrescentar ao seu mérito e dar aos outros exemplo, que lhe fosse trazido no dia seguinte o óleo da santa unção, o sacramento dos moribundos, afim que o Espírito desta unção, que o tinha enviado para guiar os seus companheiros, o conduzisse ao Céu a que aspirava. Pouco tempo depois de o ter recebido, entregou ao Senhor a sua alma, que ele tinha conservado tão santa quanto a tinha recebido. Ela deixou o corpo tão alegremente que parecia viver maravilhosamente fora deste.

«Feliz doutor que correu tão ligeiro no estádio, que travou corajosamente o combate e que obteve uma vitória triunfal! Ele merecia dizer como o Apóstolo: "Combati até ao fim o bom combate, acabei a minha corrida, guardei fé. E agora eis que está preparada para mim a coroa de glória" (2Tm 4, 7-8), coroa que ele era verdadeiramente digno de receber pelo seu estudo da doutrina inspirada!»(Tocco c. LVI-LVIII)



### Breve Biografia de S. Tomás de Aquino

S. Tomás de Aquino era nobre e primo do imperador. O conde de Somacla, tenente general do avô de Frederico II, o imperador Frederico I Barbarroxa (1125-1190, imperador desde 1155), casou com a irmã do seu imperador, Francisca da Suábia. O seu filho, o conde Landolfo de Aquino casou com D. Teodora de Theate, do ramo Rossi da família dos Caraccioli, descendente dos normandos conquistadores da Sicília. Estes dois eram os pais de Tomás.

Não se sabe bem quando nem onde o futuro santo nasceu, mas os especialistas inclinam-se para o fim de 1224 ou 1225, no castelo de Roccasecca a norte de Nápoles, a principal casa da família. Na sua mais tenra infância verificaram-se alguns prodígios, que alguns consideram lendários, mas que constam nas suas biografias mais antigas. O seu nascimento e história teriam mesmo sido profetizado à sua mãe grávida, em sonhos, por um eremita santo da região chamado Bonus.

Sendo um dos filhos mais novos do casal (era o mais novo de quatro rapazes, havendo também cinco irmãs) foi destinado pela família, como então era costume, à vida monástica. Assim, aos cinco anos o jovem Tomás foi levado ao mosteiro de Montecassino, o mais famoso de Itália, aquele que S. Bento, o pai da ordem beneditina, tinha fundado em 529 e onde fora sepultado. Tomás foi aí admitido em 1230, quando era abade o seu tio Landolfo Sinibaldi. Naturalmente, esperava-se que o jovem nobre viesse a substituir um dia o seu ilustre parente, e assim aquele importante benefício eclesiástico continuaria na família. Ser abade de um mosteiro daquela importância naquele tempo equivalia à condição de grande fidalgo, pelo que o filho mais novo não deslustraria a linhagem.

Entretanto, o jovem estava cada vez mais afastado desses sonhos mundanos. Meditava muito e ficou notado por, inesperadamente, perguntar aos seus superiores: "Que é Deus?". Deus era crescentemente o centro dominante da sua vida. Como confessaria num dos seus livros mais importantes, a *Suma contra Gentiles*, adoptou então como o lema da sua vida a divisa de S. Hilário de Poitiers (300-368): «Devo a principal ocupação da minha vida a Deus, para que todas as minhas palavras e todos os pensamentos falem d'Ele» (cf. S. Hilário *De Trinitate* i. 37). Apesar do seu habitual silêncio, Tomás manifestava grande inteligência, de tal forma que o abade recomendou ao pai que o enviasse para a universidade.

Além disso, a insegurança que se vivia no mosteiro sugeria a mesma viagem. O "sacro imperador" andava em guerra contra as forças partidárias do papa, uma coisa que, como disse, era normal na altura e mostra bem a complexidade e ambiguidade da sociedade medieval. A família de Aquino era partidária do pontífice, embora alguns dos filhos servissem o primo imperador antes da refrega. Infelizmente, quer o castelo de Roccasecca, quer o mosteiro, estavam perto das fronteiras em disputa. Isso haveria, aliás de causar mais tarde a destruição e saque de ambos e a execução de um dos irmãos de S. Tomás, Renaud, às mãos do imperador. De momento, a turbulência recomendava que o jovem oblato (noviço de monge) fosse retirado ao seu mosteiro.

Deste modo em 1239, com 14 ou 15 anos, Tomás foi para a universidade de Nápoles, fundada pelo primo imperador 15 anos antes. Aí começou os seus estudos. Também se conta dele, na universidade, o mesmo milagre de S. Isabel de Portugal: uma vez,

Amen.  
Adoro-te devotamente,  
divindade escondida,  
Que sob esta figura  
verdadeiramente Te  
escondes:  
A Ti o meu coração se  
submete,  
Porque te contemplando  
tudo falta.  
Visão, tato e paladar em Ti  
falham,  
Só o ouvido tudo crê.  
Creio em tudo o que disse o  
Filho de Deus:  
A verdade da Verdade é  
melhor recebida.  
Na cruz escondia-se só a  
divindade,  
Mas aqui esconde-se  
também a humanidade;  
No entanto ambos acredito  
e confesso,  
Peço o que pedia o ladrão  
penitente.  
Chagas, como Tomé viu, não  
vejo,

Mas, meu Deus, em Ti confio.  
Faz-me sempre mais em Ti  
acreditar,  
Em Ti esperar, Te amar.  
Oh memorial da morte do Senhor!  
Pão vivo, vida dás ao homem!  
Concede à minha alma de Ti  
viver,  
Pelo Teu sabor sempre ser  
alimentado.  
Senhor Jesus, pio pelicano,  
A mim imundo lava o Teu sangue.  
Do qual uma só gota chega para  
salvar  
Todo o mundo de todos os  
pecados.  
Jesus, que velado agora  
contemplo,  
Rezo para que se faça o que  
tanto anseio;  
Que a Tua face revelada eu olhe.  
E bem-aventurado veja a Tua  
glória.  
Amen.  
E recebendo este Sacramento,  
disse:

### Oração à hora da morte

«Sumo te pretium redemptionis anime mee, sumo te viaticum peregrinationis mee, pro cuius amore studui, vigilavi et laboravi; te predicavi, te docui, nichil umquam contra te dixi, sed si quid dixi, ignorans dixi nec sum pertinax in sensu meo; sed si quid male dixi de hoc sacramento et aliis, totum relinquo correctioni sancte Romane Ecclesie, in cuius obedientia nunc transeo ex hac vita»

«Recebo-Te a Ti, preço da redenção da minha alma. Recebo-Te a Ti, viático da minha peregrinação, por cujo amor estudei, vigiei, trabalhei, preguei e ensinei. Nunca disse nada contra Ti. Se o fiz, foi por ignorância, e não sou persistente na minha opinião.

«Depois o nosso doutor começou a sofrer de uma extrema fraqueza. Sabendo que ia deixar esta vida, com uma grande devoção pediu que lhe trouxessem o viático do viajante cristão, o Santíssimo Sacramento do corpo de Cristo. O abade e os monges trouxeram-nO com piedade e respeito. Então, estendido por terra, fraco de corpo, mas forte de espírito, foi ao encontro do seu Senhor, deitando lágrimas. Depois de lhe terem apresentado o Santíssimo corpo do Senhor, perguntaram-lhe, como se faz a todo o cristão para se assegurar da sua fé neste sacramento essencial, se ele acreditava que esta hóstia consagrada era o verdadeiro corpo do Filho de Deus, que nasceu das entranhas da Virgem Maria e foi suspenso do patíbulo da cruz, que morreu por nós e ressuscitou ao terceiro dia. Ele respondeu com uma voz clara, com vibrante devoção, e deitando lágrimas: "Se nesta vida pode haver sobre este sacramento uma ciência maior que aquela que nos é dada pela fé, nesta eu respondo que sei verdadeiramente, e com toda a certeza que este Deus é verdadeiramente homem, Filho de Deus Pai e da Virgem mãe. Creio de todo o meu coração e confesso pela minha boca o que o padre afirmou acerca deste Santíssimo Sacramento." Pronunciou então as palavras cheias de piedade, que os presentes não puderam reter e que foram, segundo dizem, estas:

Adoro te devote	Peto quod petivit latro pœnitens.
Adoro te devote, latens	Plagas, sicut Thomas, non intueor;
Deitas,	Deum tamen meum te confiteor.
Quæ sub his figuris vere	Fac me tibi semper magis credere,
latitas:	In te spem habere, te diligere.
Tibi se cor meum totum	O memoriale mortis Domini!
subiicit,	Panis vivus, vitam præstans homini!
Quia te contemplans totum	Præsta meæ menti de te vivere
deficit.	Et te illi semper dulce sapere.
Visus, tatus, gustus in te	Pie pellicane, lesu Domine,
fallitur,	Me immundum munda tuo
Sed auditu solo tuto creditur.	sanguine.
Credo quidquid dixit Dei Filius:	Cuius una stilla salvum facere
Nil hoc verbo Veritatis verius.	Totum mundum quit ab omni
In cruce latebat sola Deitas,	scelere.
At hic latet simul et	lesu, quem velatum nunc aspicio,
humanitas;	Oro fiat illud quod tam sitio;
Ambo tamen credens atque	Ut te revelata cemens facie,
confitens,	Visu sim beatus tuæ gloriæ.

quando dava esmola aos presos, foi apanhado pelo pai que lhe perguntou o que levava ali. Mas ao abrir o saco tinha lá flores em vez de dinheiro.

Muito mais importante que os estudos, foi aí que o jovem conheceu o movimento revolucionário dos mendicantes e decidiu juntar-se-lhe. O imperador expulsara todos os frades das suas terras, mas permitira a dois permanecerem, para servirem a igreja da sua capital. Foi através de um deles, frei João de S. Giuliano, que o descendente da nobre casa de Aquino conheceu o grande ideal da nova ordem do Dominicanos. Em Abril de 1244 tomou hábito, das mãos do outro dominicano frei Tomás de Lentini. O fidalgo noviço partiu imediatamente para Paris, junto com o Mestre geral da Ordem, frei João de Wildeshausen, chamado "o Teutónico", o terceiro sucessor de S. Domingos no cargo (de 1241 a 1252).

Havia boas razões para essa viagem intempestiva. O escândalo da família perante a decisão do filho foi grande e compreensível. Uma coisa era ser monge e talvez abade beneditino; outra muito diferente era ser pedinte. A indignação da mãe foi tal que, além de apelar ao papa e ao imperador, mandou dois dos irmãos raptar o jovem, quando o noviço dominicano viajava a pé com vários dos confrades. Este é o célebre rapto, que tem vários episódios curiosos.

Tomás foi mantido preso no castelo familiar durante mais de um ano. Fizeram-lhe as propostas mais mirabolantes para o convencerem a desistir, como a de manter o hábito dominicano sendo abade beneditino de Montecassino e até arcebispo. A mãe e os irmãos (o pai já devia ter morrido) não só não o conseguiram demover dos seus intentos mas, pelo contrário, ele é que levou a sua irmã Marotta a entrar para religiosa. Por isso, e como a sua Ordem já apelara ao papa Inocêncio IV (papa de 1243 a 1254) para recuperar o noviço, Tomás acabou por ser liberto no Outono de 1245 e entregue aos confrades. Pôde então finalmente dirigir-se a Paris para estudar.

Paris era nesta altura a melhor e mais viva universidade do mundo. Lá ensinava o grande frade Alberto, também dominicano. Alberto Magno, que provinha da família dos condes de Bollstädt, era um professor tão famoso que tinha de dar aulas numa praça, por ser grande a multidão que o queria ouvir. Essa praça parisiense ainda hoje se chama "praça Maubert", uma corrupção de "Magni Alberti". Foi a esse centro do saber que chegou o silencioso jovem italiano, que por ser muito grande era

conhecido entre os colegas como “boi mudo”. Depois de algumas peripécias engraçadas, acabou por ser notado pelo Mestre, que o passou a encarregar de trabalhos cada vez mais exigentes.

O génio do jovem estudante era tal que, quando em 1248 Mestre Alberto foi encarregado de ir fundar estudos universitários em Colónia, embrião da futura universidade que nasceria em 1388, levou consigo o seu estudante italiano. Em Colónia este continuou os seus trabalhos, ajudando já o seu professor a ensinar a Bíblia e as Sentenças de Pedro Lombardo.

A vida de Tomás era muito simples, ocupada apenas pelas tarefas de frade e de universitário. Quando ao seu aspecto, sabemos que era muito gordo e muito grande, louro e um pouco careca. Mais importante do que isso, ele era sempre alegre e simpático. Os colegas “achavam que o Espírito Santo estava verdadeiramente com ele, porque ele tinha sempre com cara alegre, doce e afável” e “inspirava alegria em todos os que o viam”.

Um momento decisivo da sua vida deu-se em 1250, quando aos 25 anos foi ordenado sacerdote. Aquilo que ele haveria de escrever sobre a sublimidade da Eucaristia foi desde então vivido na primeira pessoa, quando começou a celebrá-la todos os dias. As histórias falam todas da profunda contemplação e fervor com que celebrava, com muitas lágrimas, longos momentos de abstracção e até, levitação no ar. Dizia-se que ele chorava frequentemente durante a celebração da missa como se estivesse no Calvário. Temos muitas orações que ele compôs precisamente para rezar no momento da elevação do Santíssimo Sacramento.

Em 1252 regressou a Paris como “bacharel sententiário”, preparando o seu doutoramento, que seriam os monumentais “Comentários às Sentenças de Pedro Lombardo”. Deve dizer-se que nessa altura a vida intelectual em Paris estava muito turbulenta. Dois problemas principais agitavam a cidade universitária. O primeiro era o ensino das obras de Aristóteles, ainda vistas com desconfianças pelos professores mais retrógrados. O segundo era o embate entre mendicantes e os outros mestres, sacerdotes seculares, na divisão do limitado número de cátedras.

Os franciscanos e dominicanos tinham chegado há poucas décadas mas eram cada vez mais procurados pelos alunos, enquanto os velhos professores não os queriam promover. A má

«Passou primeiro pela igreja, e depois, após se ter prostrado respeitosamente como devia diante do altar, chegou ao claustro. E aí a mão de Deus pousou sobre ele. Tocado pelo espírito de profecia, disse aos numerosos monges que o escutavam e aos frades da sua Ordem –particularmente ao seu companheiro, a tinha hábito de fazer tais revelações: “Reginaldo, meu filho, aqui é o meu repouso pelos séculos dos séculos; aqui habitarei porque o escolhi (cf. S.l. 132 (133), 14)”. (...)»

«Depois de ter assim profetizado a sua morte, os assistentes, e particularmente os irmãos da sua Ordem, começaram a lamentar-se. O nosso doutor foi instalado no quarto do abade e, como o exigia a situação, os seus companheiros reunidos prodigalizaram-lhe os seus cuidados com uma piedosa caridade. Como o nosso doutor devia permanecer no leito durante muito dias e o seu estado se agravava, os monges começaram a servi-lo com respeito e humildade. Eles até traziam, aos seus ombros, a madeira da floresta, considerando-se felizes por poder prestar serviço ao santo doutor que, ainda vivo, avançava para o Reino. O nosso doutor, considerado no que lhe dizia respeito e compadecido dos outros, dizia: “Como é que os servidores de Deus me servem a mim, homem, e se dão ao trabalho de trazer de longe tão pesados fardos?”».

«Apesar da sua fraqueza –pensava-se com efeito que ele ia abandonar esta vida, como o tinha profetizado–, alguns monges, capazes de compreender, pediram-lhe que lhes deixasse ao partir uma recordação da sua ciência. Ele expôs-lhes então brevemente o Cânticos dos Cânticos. Assim, no momento em que o seu corpo enfraquecido ia deixar a vida mortal, a sua alma, essa não enfraquecia no ato necessário do ensino, e o estudo da disciplina eclesiástica terminava por um cântico à glória do Céu.

Convinha muito que o nosso doutor, a ponto de sair da prisão do corpo, terminasse o seu estudo da sabedoria pelo Cântico do amor entre o esposo e a esposa. Tal como aplicara o seu estudo a Deus, assim chegou a abraçar o Bem-amado.»

**Capítulo LVIII - Do feliz óbito do dito doutor e da sua comunhão do sacrossanto corpo de Cristo**

médico de Piperno, lhe perguntou se ele tinha vontade de alguma comida em particular, ele respondeu que não poderia engolir nada, a não ser arenques que tinha comido em França. O médico temia não poder fornecer este remédio ao seu doente, doutor eminente, porque esta espécie de peixe era impossível de encontrar.

«(Indo à praça da aldeia, encontrou alguém que chegava de Terracina com um carregamento de sardinhas acabadas de pescar. Quando este homem as colocou no chão para ver se alguns outros peixes não se teriam misturado às sardinhas, descobriu, no lugar das sardinhas, um cesto cheio de arenques frescos. O médico ficou estupefato, porque nunca tinha visto tais peixes na região. Além disso o portador dos peixes não deixava de afirmar que eram sardinhas que tinha comprado. Todo contente, fez levar os peixes ao mestre, pensando reconfortá-lo graças ao alimento que desejava, e que lhe tinha sido miraculosamente dirigido. Mas o nosso doutor, na sua sabedoria e consciência –maior nele que nos outros– da grandeza do desígnio divino, viu que um grande milagre tinha sido concedido ao seu apetite pela divina misericórdia. Mas recusou comer os peixes que lhe eram oferecidos, dizendo ao médico: "Mestre, é melhor que eu me entregue à divina Providência, do que ouse comer estes peixes que me foram concedidos pelo poder divino. Desejei-os com demasiada cobiça".

«(Numerosos são os que comeram desses peixes e numerosos são os que, ainda vivos, ouviram o relato do médico. Por isso o milagre permanece conhecido em toda a região.(...)

### **Capítulo LVII - Da entrada do dito doutor no mosteiro de Fossanova e da profecia do seu óbito**

«Depois o nosso doutor, fortalecido por alguns remédios, viu-se em condições de retomar o caminho para Roma. Passando pela abadia de Fossanova, como fosse convidado pelo abade e os monges, e como queria refazer as forças durante alguns dias, entrou nela, acompanhada por escolta de numerosos monges que o tinham vindo acolher.

vontade, aliás, tinha razões antigas, pois em 1229 os professores de Paris, no sentido forçar a melhoria das suas condições, tinham feito greve e partido para outras cidades. Mas os mendicantes, habituados à pobreza, não concordaram e continuaram as suas aulas. A greve, apesar de pretender ser de seis anos, só durou até 1231 e a fúria dos colegas foi grande contra os "fura-greves".

Tomás, apesar da sua mansidão, foi cair mesmo no meio destes terríveis embates. Primeiro, como discípulo de Mestre Alberto, estava decididamente do lado da liberdade de ensino da Filosofia de Aristóteles. Em Fevereiro de 1256 o chanceler da universidade Aymeric de Veire deu ao jovem a sua *licentia docendi*, a permissão para ensinar, ordenando-lhe que se preparasse para proferir a sua lição inaugural, que o consagraria como mestre. Isto exigia uma dispensa especial, porque o jovem ainda não atingira os 35 anos que os estatutos exigiam. Tal motivara já importantes movimentações, pois o génio do jovem dominicano era um trunfo importante na luta académica entre mendicantes e seculares. De facto, aquando do regresso de Tomás a Paris, Alberto pedira a intervenção do cardeal Hugo de Saint-Cher (1200-1263), antigo e reputado professor dominicano e legado do papa para a Alemanha, para conseguir que o doutoramento de Tomás fosse acelerado. Agora era o próprio papa Alexandre IV (papa de 1254 a 1261), recentemente eleito, que intervinha na questão, aplaudindo numa carta pontifical a decisão do chanceler de doutorar Tomás. Tudo isto mostra como os debates universitários eram duros e influentes.

As lutas complicavam-se enormemente pelo facto de os alunos tomarem partido violento, o que tornava os debates académicos em verdadeiras batalhas campais. Foi precisamente nesse Inverno de 1255-56 que as coisas atingiram o auge, com vários mendicantes agredidos por estudantes nas ruas de Paris. A violência quase impediu o jovem dominicano de dar a sua lição inaugural. Inclusivamente, foi necessário que o rei Luís IX, S. Luís de França (1215-1270, rei desde 1226), ordenasse a um grupo de archeiros que guardassem as instalações para que as provas fossem prestadas, enquanto muitos manifestantes proibiam a audiência externa de assistir. Paradoxal situação para o pachorrento erudito!

Apesar da sua lição inaugural na Primavera de 1256 e de continuar como habitualmente as suas aulas, a oposição académica manteve-se e só mais de um ano depois, a 15 de Agosto de 1257, é que Tomás de Aquino, juntamente com o

colega franciscano S. Boaventura (1221-1274), foram relutantemente admitidos no colégio dos mestres de Paris.

Apesar da turbulência, o sucesso do novo mestre não se fez esperar. As suas aulas estavam cheias de alunos, ansiosos por aprender com a novidade do seu ensino e a clareza da sua exposição. A partir de então a sua vida seria um longo e intenso trabalho de estudo, meditação, ensino e escrita, até ao esgotamento final. Esteve em Paris a ensinar até 1259, data em que partiu para Itália. Aqui os historiadores perdem-lhe o rasto por uns meses, mas sabem que em 1261 foi convidado para ensinar no convento dominicano de Orvieto, onde na época se encontrava o papa e a corte pontifícia. Depois, em 1265, foi encarregado de fundar em Roma uma escola dominicana de Teologia, o que o ocupou até 1268, data em que regressou a Paris. A segunda regência em Paris durou até 1272, quando foi encarregado de novo de fundar de fundar uma escola de Teologia da sua Ordem. Desta vez, o capítulo da província dominicana de Roma dava-lhe total liberdade de escolha, e ele seleccionou a Nápoles, onde começara os estudos.

Além de ensinar, escrevia. O número de livros produzidos por Mestre Tomás é prodigioso. A lista habitual conta com 90 obras, desde os grossos trabalhos com vários volumes aos pequenos opúsculos. Este montante leva a muitas comparações surpreendentes. No período mais produtivo, os anos de 1271-72, ele escreveu por dia uma média equivalente a 12,5 páginas das nossas (A4) a um espaço (350 palavras por página). O trabalho era feito com a ajuda de secretários, dos quais o principal era o seu «sócio» e confessor, frei Reginaldo ou Reinaldo de Piperno (1230-1290). Ele era uma das poucas pessoas que conseguia ler a letra do Mestre, que era considerada ilegível, como dizem vários testemunhos do tempo, e como podemos testemunhar hoje nos manuscritos dele que sobreviveram. S. Tomás tinha a capacidade notável de ditar simultaneamente obras diferentes a três ou até quatro secretários.

Passando todo o dia a rezar, ensinar, a escrever e a ditar, tinha de ter tempo para pensar, meditar e conceber as suas obras. Roubava esse tempo ao sono. Temos muitas histórias que dizem que ficava de luz acesa até altas horas da noite, reflectindo nas questões e pedindo a Deus, com muitas lágrimas, iluminação para resolver algum problema mais difícil

Sabemos também que a resposta por vezes vinha em visões, como quando Reginaldo o surpreendeu conversando com S.

por causa das maravilhas que Deus lhe tinha revelado de forma admirável. Que Deus lhe tenha perguntado já que recompensa ele desejava receber pelo seu trabalho era um sinal muito claro de que ia em breve deixar de escrever. E a recompensa que ele pediu era mesmo aquela que convinha: repousar-se das suas fadigas na pátria d'Aquele que o tinha encantado de tal doçura na vida ao longo do seu trabalho de escrita. Porque ele tinha compreendido muito mais coisas que todos durante a sua vida e foi digno de ver mais claramente que muitos outros quando morreria.» (Tocco c. XXXIV)

### **Visão e fim da escrita**

«Quando celebrava missa na capela de S. Nicolau, Tomás sofreu uma transformação espantosa. Depois dessa missa não escreveu mais nem nunca mais ditou o que quer que fosse e até deixou o seu material de escrita. Estava nessa altura na terceira parte da Suma, no tratado da Penitência. A Reginaldo estupefato, que não compreendia porque razão ele abandonava a sua obra, o Mestre respondeu simplesmente "Não posso mais". Voltando à questão um pouco mais tarde, Reginaldo recebe a mesma resposta "Não posso mais. Em comparação com o que vi, tudo o que escrevi me parece palha"» (Bartolomeu de Cápua em Processus canonizationis S. Thomae, Neapoli 87, citado em T. 424. Cf. Tocco c.XLVII)

### **Os últimos dias de S. Tomás**

#### **Capítulo LVI - Da chamada do dito doutor ao concílio de Lião, da sua doença e do milagre dos peixes**

«Depois o nosso doutor partiu para o concílio geral que devia ter lugar em Lião, respondendo ao apelo do papa Gregório X. Levava consigo a obra que tinha composto contra os gregos a pedido do papa Urbano IV, a fim de os convencer dos seus erros e da maldade dos sua heresia cismática.

«Estava ele a passar pela Campânia e pelo castelo de Maenza, que pertencia a D. Francisca, sua sobrinha. Ali caiu doente e perdeu o apetite, a ponto que não conseguia ter prazer em nenhum alimento. Como mestre João di Guido,

Ihe suplicava de novo, e como o nosso doutor não queria parecer desprezar o nome de Deus, pelo qual o seu companheiro tinha ousado conjurá-lo a falar, ele disse-lhe, lavado em lágrimas: «Meu filho, vistes o meu desgosto nos últimos dias por causa das dúvidas que tinha sobre este texto que acabo de explicar. Tinha pedido a Deus, com muitas lágrimas, que mo fizesse compreender. Eis que esta noite Deus, tendo piedade de mim, me enviou os bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo, que eu tinha tomado como intercessores junto d'Ele, e eles tudo me ensinaram perfeitamente. Mas, da parte de Deus, peço-vos que nada reveleis disto enquanto eu for vivo». (Tocco c. XXXI)

### **Visão e conversa com o crucifixo**

#### **Capítulo XXXIV - Do mesmo efeito da oração e elevação, e da revelação que lhe foi feita**

«Um prodígio semelhante, mas ainda mais espantoso, foi observado no convento de Nápoles por frei Domingos de Caserta, sacristão, homem de uma grande devoção, de grande dedicação na ação e cuja virtude era reconhecida de todos, que aliás teve outras visões admiráveis.

«Este frade tinha, com efeito, notado que frei Tomás deixava sempre o seu lugar de estudo antes das matinas, para descer à igreja e que, para não ser visto dos outros, se apressava a retornar ao seu quarto quanto tocava o sinal das matinas. Tomado de curiosidade, decidiu um dia observá-lo. Ele entrou por detrás na capela de S. Nicolau, onde se demorou, mergulhado nas suas orações, e vi-o elevar-se nos ares, a dois côvados do chão. Enquanto estava a olhá-lo, cheio de admiração, ouviu de repente, do lugar para onde o doutor se tinha virado para rezar com lágrimas, uma voz emanando do crucifixo que dizia: "Tomás, tu escreveste bem sobre mim. Que receberás tu de mim como recompensa pelo teu trabalho?" (Thoma, bene scripsisti de me, quam recipies a me pro tuo labore mercedem?). Ele respondeu: "Nada, senão Vós, Senhor!" (Domine, non nisi te!).

Ele escrevia então a terceira parte da Suma, sobre a Paixão e a Ressurreição de Cristo. Depois disto, não escreveu muito mais,

Pedro e S. Paulo, que lhe explicavam o sentido das profecias de Isaías.

Mas não fiquem com a ideia de que S. Tomás era uma pessoa abstrusa, aérea ou solitária. Quando era preciso, ele era capaz de ser pragmático, diligente e organizado. Temos mesmo informações de tarefas administrativas e diplomáticas complicadas, referentes à sua família, que ele desempenhou com eficácia e competência.

S. Tomás não era, pois, o professor teórico, etéreo e misógino que tantos querem fazer dele, mas um homem amável, atento e afável, que tomava conta dos seus como qualquer outra pessoa. Mas isso só aumentava ainda mais a carga de trabalho sobre os seus ombros. O rei de França, S. Luís, o Mestre Geral da sua Ordem, o prior do seu convento e muita outra gente queria o seu conselho sobre questões práticas.

Este esforço contínuo e intenso tinha de ter os seus efeitos. Foi o que aconteceu num dia de Outubro de 1273. "Quando celebrava missa na capela de S. Nicolau, Tomás sofreu uma transformação espantosa. Depois dessa missa não escreveu mais nem nunca mais ditou o que quer que fosse e até deixou o seu material de escrita. Estava nessa altura na terceira parte da Suma, no tratado da Penitência. A Reginaldo estupefacto, que não compreendia porque razão ele abandonava a sua obra, o Mestre respondeu simplesmente "Não posso mais". Voltando à questão um pouco mais tarde, Reginaldo recebe a mesma resposta "Não posso mais. Em comparação com o que vi, tudo o que escrevi me parece palha".

Claramente, além de uma visão sobrenatural, havia também um profundo esgotamento cerebral, fruto de anos seguidos de trabalho intenso e contínuo. Se antes era cheio de energia, agora caiu na cama e foi descansar para o castelo de S. Severino, a sul de Nápoles, pertença de sua irmã Theodora, condessa de Marsico. No fim do ano o Mestre regressou a Nápoles, onde recebeu ordem do papa Gregório X para se deslocar ao decisivo segundo concílio de Lião, que trataria das relações com as igrejas orientais. Frei Tomás, apesar do seu estado, obedeceu prontamente e pôs-se a caminho.

Pouco depois da partida, perto de Teano, sofreu um acidente. Distraído como sempre e absorvido em meditação, não viu um tronco no meio da estrada, caiu e bateu fortemente com a cabeça. Apesar de atordoado, assegurou que estava bem e continuou. Poucos dias depois chegaram ao castelo de Maenza,

onde vivia a sua sobrinha Francisca, condessa de Ceccano. Foi aí que caiu doente. Ainda recuperou e voltou ao caminho, mas teve de parar logo a seguir na abadia de mosteiro cisterciense de S. Maria de Fossanova, na Campania, onde morreu a 7 de Março de 1274, quarta-feira da terceira semana da Quaresma. O seu confessor disse depois que a confissão geral que fez, pouco antes da morte, era a de uma criança de cinco anos.

A fama do professor fez convergir para essa abadia muita gente. Logo após a morte começam a correr histórias de muitos milagres que o seu corpo realizava. Começou também uma forte luta pela posse do seu corpo. Os monges queriam guardá-lo; os dominicanos pretendiam recuperá-lo e até a universidade de Paris o reclamou. Como era o tempo da devoção das relíquias, o cadáver foi algo maltratado na busca de recordações. A luta não foi pacífica e à volta dos restos mortais do sereno frade juntaram-se exércitos. Foi precisa a intervenção da autoridade papal para que as relíquias fossem levadas em 1369 para Toulouse, no sul de França, centro da ordem dominicana, onde foram colocadas a 28 de Janeiro na Igreja dos Jacobinos onde, após algumas peripécias, podem ainda hoje ser veneradas.

Começou então também o culto de Tomás como santo. Além do local da morte e da sua Ordem, também em Paris e noutras universidades, como Oxford, a sua memória era venerada. O seu processo de canonização começou em 1317, e a 18 de Julho de 1323 foi canonizado por João XXII.

A 15 de Abril de 1567 foi declarado Doutor da Igreja por S. Pio V (1504-1572, papa desde 1566). S. Tomás foi o quinto santo de toda a História a receber este título, o primeiro após os quatro grandes "doutores do Ocidente", S. Ambrósio (340-397), S. Jerónimo (348-420), S. Agostinho (354-430) e S. Gregório Magno (540-604). A sua festa litúrgica foi durante muito tempo a 7 de Março, data da morte, mas na última revisão do calendário litúrgico, como esse dia tinha já a grande celebração S. Perpétua e S. Felicidade, as mártires de Cartago no século III, a festa de S. Tomás foi passada para 28 de Janeiro, data da trasladação para Toulouse.

## **Episódios da Vida de S. Tomás**

vinha de Deus. Era o que queria significar a confiança do passarinho sem medo.

«Quando ele o foi pousar, tranqüilo, na mão do senhor Savelli, ambos admiraram tal sinal de confiança, vindo do exterior, e tornaram-se ainda mais devotos dos méritos do santo. O mensageiro fez a viagem, muito alegre, e o seu mestre rezou para que ele a fizesse com sucesso.» (Tocco Milagre CXXXIX).

### **Visões e Morte**

#### **Aparição de S. Pedro e S. Paulo**

Este companheiro [Reginaldo de Piperno] revelou um prodígio espantoso acontecido com o nosso doutor. Quando este estava a compor o Comentário de Isaías, e iluminava, ao escrever essa exposição, os profundos mistérios dos livros do profeta, chegou a uma passagem que não compreendia. Como não conseguia encontrar um sentido literal que o satisfizesse, jejuou e rezou durante vários dias. E obteve, pelas suas instantes súplicas e a devoção das suas orações, que a passagem difícil lhe fosse claramente explicada.

Um dia em que tinha jejuado com grande devoção, o seu companheiro ouviu-o falar durante a noite. Ele não sabia se era com uma ou mais pessoas. Conseguia perceber algumas palavras, mas não compreender o sentido do colóquio. Acabada a conversa, o doutor disse ao seu companheiro: «Reginaldo, meu filho, levanta-te e acende a candeia. Toma o caderno no qual anotaste o comentário de Isaías e prepara-te para retomar a escrita». E escreveu muito tempo o que o doutor lhe ditava com tanta facilidade como se lesse num livro. Ao fim de cerca de uma hora, este diz ao irmão que escrevia. «Vai dormir agora, meu filho. O tempo de repouso está longe de ter acabado». Mas ele, que ardia para conhecer o prodigioso segredo do seu mestre, que a conversa ouvida lhe tinha revelado, pôs-se de joelhos aos pés deste e disse-lhe a chorar. «Não me levantarei daqui antes que me tenhas dito com quem falastes tanto tempo esta noite». E pôs-se a suplicá-lo em nome de Deus. Tomás recusou muitas vezes revelá-lo, dizendo-lhe: «Meu filho, tu não tens necessidade de o saber». Enfim, como ele



tão forte e espalhou-se tanto pelo mosteiro, que todos os monges, acordados por este milagre, precipitaram-se sem mais sinais na sua direção. Os despojos do doutor inumado foram-lhes mostrados e eles viram que o próprio corpo, assim como o vestuário, a capa e a carapuça, o hábito da sua Ordem, nada tinha mudado.» (Tocco c. LXVI)

«Catorze anos depois da morte do doutor, D. Teodora, sua irmã, pediu a Pedro de Montesangiovanni, abade do mosteiro, que lhe desse, como relíquia, a mão do direita de seu irmão. Aceitando, ele prometeu de lho dar. Foi pois ao túmulo do santo. E logo que a pedra tumular foi levantada com instrumentos de ferro, e o precioso tesouro do corpo do santo descoberto, que um poderoso odor se libertou, como da primeira vez. E, como antes, os monges acorreram nesta direção e descobriram os despojos intatos –quer o corpo, quer o tecido do hábito– à exceção da ponta do nariz que estava um pouco roída depois de todo este tempo.» (Tocco c. LXVIII)

### **O passarinho sem medo**

«O senhor Pedro Sanguineo de Terracina, camareiro de senhor Panolfo de Savelli que inquiria os milagres acontecidos, graças aos méritos de S. Tomás, na abadia de Fossanova e arredores, tinha prometido levar à Cúria, em nome dele, o livro que tinha sido composto por esse notário sobre os milagres submetidos a inquérito e de o apresentar ao papa. Mas tomado de um medo bem humano, começou, assustado, a perguntar a si mesmo porque tinha de se expor assim no mar ao perigo dos piratas e porque se confiaria às ondas incertas das tempestades marinhas, quando estava em segurança em terra. Quando os méritos do santo, nos quais acreditava, e os medos, que ele temia, se afrontavam no seu coração e no seu espírito perturbado, eis que um pequeno passarinho da floresta entrou com confiança no quarto e pousou no cabide de vestuário. Ele admirou-o muito tempo, surpreendido pela sua segurança, depois aproximou-se e apanhou-o, tal como um animal doméstico que não temia nada. Ficando na sua mão sem a mínima palpitação de medo, o pássaro mostrou que tinha sido enviado divinamente para trazer ao seu espírito perturbado a decisão definitiva, um conselho inspirado, afim de que o homem não temesse enfrentar o que

## **Juventude e estudos**

### **Profecia do seu nascimento**

Quando D. Teodora, sua mãe, tão notável pela nobreza da sua conduta como das suas origens, estava no seu castelo de Roccaseca, nos confins do reino de Sicília e da Campânia, um frade, chamado Buono, mas melhor ainda pela sua conduta e piedade, que levava há muito tempo uma vida de eremita na montanha com muitos companheiros, e que era considerado um santo pelos habitantes do país, veio ter com ela segundo uma inspiração. E disse-lhe:

«Alegra-te senhora, porque estás grávida e darás ao mundo um filho a quem chamarás Tomás. Tu e o teu marido quererão fazer dele um monge no mosteiro de Montecassino, onde repousa o corpo do bem-aventurado Bento, com esperança de conseguirem o vosso regresso junto dos grandes desse mosteiro, graças à mitra de prelado para vosso filho. Mas Deus disporá de outra forma, porque ele será, na Ordem dos Pregadores, um frade tão brilhante em ciência e santidade de vida, que na sua época não haverá igual em todo o mundo» (Tocco c. II).

### **Cenas de infância**

Uma terrível tempestade abateu-se de súbito sobre o castelo de Roccasecca. Um raio atingiu a torre, matando a irmã da criança que aí dormia, tal como os cavalos no estábulo. A mãe, mais preocupada com o seu bebê pequeno que com a filha, correu tremendo ao leito onde a criança dormia com a sua ama. Encontrando-os aos dois sãos e salvos, deu graças a Deus, que a pouco e pouco começava a realizar na criança o que tinha prometido. (Tocco c. III)

Aconteceu que a mãe do santo foi a Nápoles, aos banhos, com outras damas e fez vir o seu filho pela ama. Esta, tendo sentado a criança no lugar habitual, ele encontrou aí por milagre um pequeno pedaço de papel, que agarrou espontaneamente. Depois, como a ama queria despi-lo e abrir a mão que tinha o papel, a criança começou a berrar muito alto. Tomada de pena, ela banhou-o, secou-o e vestiu-o com o punho sempre fechado,

e levou-o assim à sua mãe. A mãe, que tinha aberto a mão fechada do menino, apesar das suas lágrimas, encontrou aí uma folha com estas palavras «Ave Maria», a saudação à Virgem Gloriosa. (Tocco c. IV)

### **Rapto do santo**

Capítulo VIII - Que a mãe de S. Tomás, sabendo do entrada do seu filho na ordem, como lhe tinha sido profetizado, vem a Nápoles para o confirmar na sua escolha

«Os nobres da cidade ficaram surpreendidos que tal herdeiro deixasse a casa paterna e que tão ricos começos, índices reveladores de uma futura ascensão, ficassem escondidos debaixo do hábito de uma Ordem mendicante. Mas os irmãos da Ordem louvaram a Deus por lhe ter concedido um noviço tão nobre e admirável, e já os sinais certos lhes faziam esperar vê-lo servir mais tarde nos cumes da ciência. No entanto, quando os vassalos de Rocca souberam a novidade, comunicaram-na com lágrimas à mãe. Ela, que via realizar-se no seu filho a profecia de que guardara a promessa na memória, dirigiu-se imediatamente a Nápoles com as suas nobres acompanhantes, cheia de alegria, pretendendo conversar maternalmente com Tomás para o confirmar numa escolha querida por Deus. Mas os frades, ignorando estas boas disposições, julgam Teodora perturbada pelos seus sentimentos. Preocupados com a guarda de um depósito tão precioso, enviam o seu noviço de Terracina a Ananie e até ao convento de Santa Sabina em Roma, acompanhado de irmãos escolhidos. Pressionada pela afeição maternal e privada da vista de seu filho, fruto de tantas penas, Teodora vai até Roma, proclamando a todos que o quer encontrar para o confortar na sua escolha. No entanto, os frades não a imaginam capaz de tal força de alma que domine o seu instinto maternal. Montam à volta do jovem Tomás uma guarda vigilante com medo de o verem capturado, e fazem-no fugir, solidamente acompanhado, para Paris.»

Capítulo IX - Que a mãe, perturbada por não poder ver o filho, o fez ser capturado pelos seus filhos que estavam na Toscana com o imperador, e ser-lhe conduzido

ressurreição de seu Filho, tal como na véspera estavam unidos a ela nos sofrimentos da Paixão.

«Quando ele descia da cátedra depois do sermão, uma mulher, que sofria há muito tempo de perdas de sangue e que nenhum remédio da medicina não conseguia aliviar, tocou na borda da capa do nosso doutor e sentiu-se imediatamente curada do seu mal. Ela seguiu-o até ao convento de Santa Sabina e fez saber ao companheiro do nosso doutor o benefício que tinha recebido. E ele contou-o muitas vezes e a numerosas pessoas em seguida.

«Feliz doutor, que se ilustrou por um milagre semelhante ao do Salvador, pelo qual o doente é curado quando toca na borda do vestido! Assim se manifestavam os grandes méritos da sua alma, pois tanta força se encontrava na sua capa para o testemunhar!» (Tocco c. LIII)

### **Cura de um cego no túmulo**

«Como tantos sinais e provas de santidade tinham acompanhado a morte do nosso doutor, D. João de Ferentino, sub-prior da abadia, que sofria dos olhos a ponto de mal poder ver, fez-se conduzir perto do corpo do nosso santo. Prostrou-se a seus pés com respeito e devoção, e colocou-se contra o cadáver. Depois, colocando a sua cara sobre a cara do santo, rezou a Deus que pelos méritos do doutor ao qual se tinha dedicado nas suas orações, a luz de que tinha sido privado lhe fosse restituída. Imediatamente recuperou a vista, gritando: "Bendito seja Deus, graças aos méritos do santo, a vista foi-me perfeitamente restituída!" Convinha que Deus concedesse a luz àquele que pedia a luz pelos méritos do santo. Porque Ele tinha permitido a este que passasse desde a sua morte para a luz da glória que Ele vive pela eternidade.» (Tocco c. LXI)

### **Milagre do odor e incorrupção**

«Quando abriram o túmulo com instrumentos de ferro, muito tempo depois do dia da sua exumação (...) escapou-se um odor tal que não parecia que se tivesse aberto um túmulo contendo restos humanos, mas um armário contendo perfumes. O odor era

«Conta-se a este propósito que um dia, quando ele vinha com os seus estudantes de Saint-Denis, onde tinha ido ver as relíquias dos santos e a santa abadia dos monges, e quando via a cidade de Paris tão próxima, os estudantes disseram-lhe: "Mestre, vede como é bela a cidade de Paris! Gostariéis de ser dono dela?". Eles esperavam assim ouvir da sua boca uma palavra edificante. Ele respondeu: "Preferia antes ter as homílias de S. João Crisóstomo sobre o Evangelho do bem-aventurado Mateus! Se esta cidade me pertencesse, ela afastar-me-ia, pelas preocupações da sua administração, à contemplação das coisas divinas e faria obstáculo à consolação da minha alma"» (Tocco c.XLII)

### **Milagres**

#### **Rebocar um barco**

«Quando ele estava num barco com muitos irmãos da sua ordem e os marinheiros subiam o rio, e muitos deles, descendo na margem, puxavam o barco com muita dificuldade com ajuda de um cabo, S. Tomás disse, suspirando: "O gênero humano carece tanto de força que muitos homens mal conseguem puxar este navio, enquanto ele obedeceria ao comando de um só se esse se conformasse à vontade do seu Deus". E, ao fim de algum tempo, como os marinheiros estivessem fatigados, o santo compadecido diz aos companheiros: "Desçamos e ajudemos um pouco estes marinheiros". E quando desceram, o mestre, sem nenhuma dificuldade, pôs-se a puxar sozinho, numa certa distância, o barco que muitos antes dificilmente conseguiam deslocar. Então os companheiros, admirando a distância percorrida, espantoso prodígio, puseram-se a rebocar com o mestre» (Tocco c.XXXVIII)

#### **Cura com a ponta da capa**

#### **«Conta-se outro milagre do nosso doutor**

«Durante a semana santa, ele tinha pregado sobre a Paixão do Senhor em Roma, na igreja de S. Pedro, e tinha suscitado lágrimas na assistência. No seu sermão no dia da Ressurreição, ele exortou os fiéis a se alegrar com a gloriosa Virgem pela

«Teodora, emocionada por não poder encontrar o seu filho e perturbada pela incredulidade dos frades diante dos seus múltiplos protestos de boas intenções, deixa a sua afeição carnal dominar no seu espírito a fé na promessa. Envia um mensageiro especial aos seus filhos que acompanham o imperador na planície de Aquapendente na Toscana e manda, com a sua benção maternal, que apanhem Tomás, seu filho e irmão deles, que os Pregadores revestiram do seu hábito e fazem fugir do reino, e que lho enviem sob boa escolta. Eles, desejosos por afeição de satisfazer o pedido maternal, expõem esta ordem ao imperador e obtêm dele a autorização. Envia guardas pelas ruas e lugares e descobrem o seu irmão repousando perto de uma fonte, com quatro membros da sua Ordem. Surgem então, não como irmãos, mas como inimigos.

Não conseguem, no entanto, arrancar-lhe o hábito, ao qual o noviço se agarra com força. Expulsam então os outros frades e fazem conduzir Tomás a sua mãe, tal como está vestido, para não correr o risco de um ferimento. Esta vê-o com alegria mas não consegue levá-lo a depor o hábito. Fá-lo guardar primeiro em Montesangiovanni, depois em Rocca, até ao regresso dos seus filhos. Manda admoestá-lo nesse intervalo por várias pessoas, a fim de testar a solidez da verdade da promessa profética diante da tentação humana. Entretanto, os frades, a quem mãos profanas tinham tirado um tesouro tão precioso, estão tão perturbados como se fosse a perda de José. Viram-se em lágrimas para o Soberano Vigário de Cristo, Inocêncio IV, então presente na Toscana, como a outro patriarca Jacob, e apresentam-lhe o seu diferendo.

«Um abuso foi cometido contra a Ordem. Por paixão, os seus irmãos de sangue, como ferozes feras selvagens, devoraram José. O Soberano Pontífice, ultrajado que tal excesso tenha sido perpetrado quase diante da sua presença na região, pede ao imperador que seja infligida uma justa punição a título de reparação. Este, temendo incorrer na fúria do Soberano Pontífice se negligenciasse compensar tal abuso com justiça, faz prender os irmãos de Tomás. Os frades, temendo então pôr em perigo a reputação da sua Ordem e escandalizar a sua consciência se prosseguissem o seu contencioso, desistem inteiramente, para

mais quando sabem que o jovem Tomás conserva o seu hábito com constância, mesmo fechado numa cela.»

### **Capítulo X - Da luta vitoriosa e profecia que teve no cativo**

«Fechado sob alta vigilância, privado da luz do dia e de autonomia de movimentos, ele coloca a sua liberdade nas algemas e a sua luz nas trevas. Oprimido fisicamente, liberta-se espiritualmente. Deus ilumina-o de tantos raios sobrenaturais que na sua prisão ele lê integralmente a Bíblia, aprende as Sentenças, comenta, segundo se diz, o Tratado dos Sofismas de Aristóteles e instrui as suas irmãs nas Sagradas Escrituras, presságios do seu ensino futuro. Já os seus ensinamentos têm os seus frutos na sua irmã, que os pais tinham enviado para amaciá-lo. Pelas suas lições e exemplos, ele a conduz ao amor de Deus e ao desprezo do mundo. Ela tomará hábito religioso de S. Bento. A sua probidade e os méritos da sua vida valer-lhe-ão ser eleita abadessa do mosteiro de Santa Maria de Cápuia. A fim de autenticar a graça da sua vocação com obras, Tomás entrega-se inteiramente à oração, à leitura e à contemplação. Nenhuma persuasão, nenhuma tentação, nenhuma ameaça, nenhum medo, nem nenhuma das coisas que confrontam habitualmente a coragem de uma pessoa aguerrida, nada disso desvia o jovem. Pelo contrário, cada ferida recebida no combate aumenta as suas forças. De regresso, os seus irmãos agravam ainda mais as suas agressões. Tentando o insulto onde o medo não tinha podido submetê-lo, nem a sedução amolecê-lo, eles rasgam o seu hábito dominicano, na esperança que o deponha por amor próprio para tomar outro de sua escolha. Mas ele suporta a injúria com infinita paciência. Como o próprio Cristo teria levado esse hábito, ele enrola-se nos farrapos e não se sente menos revestido por eles por conservar íntegra a devoção na sua alma.»

### **Capítulo XI - Dos ataques insuportáveis que ele vence com a ajuda de Deus**

«Estas ofensivas são impotentes para desviá-lo. Então os irmãos concebem para submetê-lo a outra estratégia, reconhecida por derrubar os cárceres, amolecer a rocha e desenraizar um cedro na tempestade. Campo de batalha onde vemos muitos

disso ao seu companheiro. Como a hora era pouco propícia para obter um remédio, este sugeriu que se anunciasse no dia seguinte à universidade que o mestre tinha um impedimento e não podia de forma nenhuma pronunciar a sua determinação. E poderia então chamar-se alguém para arrancar o dente com um instrumento de ferro. Mas o doutor, que pensava na confusão que isso provocaria à universidade e nos perigos que poderiam sobrevir da extração do dente, disse ao seu companheiro: "Não vejo outro remédio senão confiar-me à divina Providência". E dirigiu-se ao lugar onde costumava rezar. Rezando e chorando longamente, ele pediu o benefício desejado e entregou-se à divina Providência. Enquanto rezava com fervor, eis que, sem a menor dor e violência, ele tira facilmente o dente supérfluo com uma simples pressão da mão. O nosso doutor ficou completamente liberto deste obstáculo à palavra!

«Como lembrança deste benefício da misericórdia divina, ele trouxe consigo durante muito tempo o dente. O esquecimento, que faz nascer a ingratidão, não a fez desaparecer do seu espírito, e a confiança na sua oração, que tinha sido tão rapidamente atendida, tornou-se cada vez maior.» (Tocco c. LI).

### **A discussão dos frades**

«Um dia dois frades começaram a discutir no convento. Quando acabaram, um deles foi ter com frei Tomás e explicou-lhe a sua posição. Tomás, ouvindo pacientemente, respondeu: "Tem razão, irmão. Tem mesmo muita razão!". Daí a pouco veio o outro frade e explicou-lhe as suas razões, inversas às do primeiro. Tomás, ouviu também pacientemente e no fim respondeu igualmente: "Tem razão, irmão. Tem mesmo muita razão!".

«Um terceiro frade que assistia à cena, foi ter com frei Tomás e disse-lhe. "Como é isso, frei Tomás?! Veio um dos nossos irmãos dizer-lhe uma coisa, e o frei diz-lhe que ele tem razão. Vem depois o outro dizer-lhe o contrário, e frei Tomás diz-lhe que ele também tem razão. Como pode ser isto?" Frei Tomás ouviu-o ainda pacientemente e no fim respondeu: "Olhe, meu irmão, também tem razão. Tem mesmo muita razão!"»

### **As homílias de Crisóstomo**

diante de S. Tomás. Quando o espantado Tomás lhe perguntou "Mas por quê?", ele respondeu, "Porque não quero ter na minha consciência, Tomás, que poderia ser um obstáculo entre o mundo e isto» (Chegwidden (1998))

### **Carta do papa castigando o bedel**

«Existe ainda hoje nos arquivos da Universidade de Paris uma carta de 26 de Junho de 1259 que o papa Alexandre IV escreveu ao bispo de Paris, Renaud de Corbeil, pedindo-lhe que castigasse severamente o bedel Guillot da nação picarda (um dos grupos da universidade). Este, no Domingo de Ramos anterior atrevera-se a interromper mestre Tomás quando este pregava ao povo. O papa impunha penas severas, exigindo a excomunhão, perda de salário e a expulsão da função de bedel. Parece que a pena não foi aplicada, porque sabemos que ele continuou em funções. Aliás, isso deve ter sido facilitado pelo fato de poucas semanas depois S. Tomás ter deixado Paris e partido para Itália.» (Torrell p.104).

### **O boi voador**

«Os noviços são sempre noviços. Tinham-lhe dado a alcunha de "o boi mudo da Sicília". (...) Pregavam-lhe partidas, brincando com a sua calma imperturbável e a sua confiança imediata. Só uma vez ele respondeu. Tinham gritado à sua janela: "Frei Tomás ! Frei Tomás ! Venha ver depressa ... um boi a voar !". Obedientemente, ele veio à janela, para ser recebido à gargalhada. "Acreditou! Acreditou! Palermo! Palermo!". E Tomás disse imperturbável: "Prefiro acreditar que um boi pode voar do que um Dominicano possa mentir". E o riso acabou.» (de Wohl p. 199).

### **O dente supérfluo**

«Diz-se que quando o nosso doutor estava em Paris e devia, no dia seguinte, determinar diante da universidade uma questão que ele tinha disputado na véspera, se levantou durante a noite para rezar como de costume. Apercebeu-se então que tinha acabado de lhe nascer na boca um dente supérfluo que o incomodava consideravelmente ao falar. Inquieto, deu parte

combater, mas bem poucos triunfar das dificuldades. Enquanto Tomás, fechado sozinho no seu quarto, se repousa debaixo de boa guarda, enviam-lhe uma esplêndida jovem, prostituta especializada na sua arte, com a missão de levá-lo à falta por olhares, toques, jogos e outros estratagemas. Quando a vê, ele que exala já o amor esponsal pela sabedoria de Deus, ele o combatente invencível, sente por permissão da divina Providência em vista de triunfo mais glorioso, a excitação da carne que habitualmente tinha sob o domínio da razão. Brandindo um carvão ardente tirado da chaminé, expulsa com indignação a cortesã do seu quarto. Depois, cheio de fervor espiritual, chega ao ângulo do quarto e traça com a cabeça do tição o sinal da Santa Cruz na parede. Prosterna-se em terra e, com lágrimas, pede a Deus que lhe conceda um cinto de perpétua castidade a fim de servir sem corrupção nos combates. Assim rezando e chorando, adormece rapidamente e eis que dois Anjos são enviados para lhe assegurar ter sido ouvido por Deus na vitória de um combate tão difícil. Eles o tomam de cada um dos lados pelos rins e dizem-lhe "Da parte de Deus e a teu pedido, nós te cingimos de um cinto de castidade que nenhuma violência te poderá arrancar. Aquilo que a virtude humana não pode atingir pelo seu mérito, isso te é oferecido em dom pela generosidade divina". Nunca ele sentirá que este cinto foi forçado intimamente. Isso será repetido pelo testemunho muito seguro dos seus confessores à hora da morte. Jamais ele terá o sentimento de ter violado na sua virgindade ao longo de perigosos combates que travará até à hora da morte. Ele sentirá desde então uma aversão pela aparência das mulheres. Evitará muito cuidadosamente o seu contato, a sua conversação e a sua frequência. Admiram-no habitualmente por isso e ele, quando o sabe, repete freqüentemente que os homens consagrados às especulações divinas podem rapidamente perder muito tempo a falar na companhia das mulheres, a menos que esses contatos sejam suscitados pela necessidade de uma causa particularmente útil, ou que tratem de Deus e das coisas divinas.

«Ele sentiu fisicamente esse aperto angélico e acordou num sobressalto com clamor. Como se inquietam dos seus gritos, ele nada quer revelar do dom de Deus. Mantê-lo-á ostensivamente escondido até à sua morte. Confiar-se-á apenas ao seu

companheiro e será este que o contará muitas vezes como exemplo, para louvor de Deus e recomendação dos santos.

«Oh bem-aventurada cela exígua onde flameja tal esplendor de inteligência! Oh salutares entraves que contribuem tanto à livre contemplação dos Céus! Oh tentação benéfica, que o inimigo quer levar à queda e que jorra, com a assistência divina, em triunfo da força vitoriosa na luta! Oh provas manifestas e consumadas dos méritos da sua vida e da sua santidade! Aguerrido na sua sensibilidade e lutador indomável, ele não pode ser amolecido pelas delícias nem quebrado pelas afrontas! Oh atleta viril e soldado triunfante! Ele submete o antigo e servil demônio, consegue uma vitória insigne num tão difícil combate e mostra-se digno da coroa em todos os outros! Oh bem-aventurado peregrino e hóspede do século, tu conquistas o título de cidadão do Céu e mereces, por dispensa divina, ver os seus concidadãos, tu que a sociedade dos Anjos não renega quando estás cingido de castidade, tu digno de um Anjo pela tua pureza enquanto de bates na Terra pela tua virgindade!»

## **Capítulo XII - O jovem santo é entregue à sua ordem**

«Como tudo isto devia acontecer por disposição divina, como ele não devia ser abandonado pelos seus confrades a quem tinha sido arrancado, como numa tão forte tentação ele gozou do socorro divino, como uma divina profecia prometia que ele seria um dia entregue à sua Ordem, por todas estas razões, o próprio frei João de S. Giuliano em pessoa não hesitou em visitá-lo na sua prisão, tanto ouvia falar da sua constância na luta e disciplina de costumes. Este reverendo padre, animado do mesmo amor com que o recebeu na Ordem, mantém no seu espírito a esperança de o ver um dia devolvido aos Pregadores. Às escondidas, levava vestidas as túnicas que despindo no seu quarto lhe deixava, para que o jovem não sofresse demais no seu corpo, ele a quem tal virtude confortava mentalmente. Fechado assim durante dois anos, Tomás mostrou a constância espiritual que será a da sua vida futura. A sua mãe atentamente compreendeu que devia cumprir em seu filho a predição do eremita inspirado do Espírito divino. Ela temia menos afrontar a perseverança do seu filho do que a Providência divina. Com prudente dissimulação, ajudou-o a descer ao longo de uma

Administrador dos bens da Coroa que frei Tomás de Aquino tinha sido designado pelo seu cunhado, Roger d'Áquila, conde de Traetto, como seu executor testamentário. A este título, outro documento datado de 20 de Setembro, encarregava-o de distribuir pelos herdeiros, segundo as instruções do defunto, vários tipos de bens: mulas, jumentos, potros, selas, túnicas, samarras, trigo, etc. Alguns dias mais tarde, a 2 de Outubro, o rei escreve de novo ao mesmo Administrador que as instruções deixadas por Roger previam que Tomás ficasse encarregado de restituir as terras que o defunto se tinha injustamente apropriado e que, para outras restituições, ele se podia servir dos rendimentos dos moinhos de Scauri. Ele estava pois autorizado a guardar esse dinheiro até que essas operações tivessem terminado e os funcionários da Coroa não deviam criar obstáculos à sua tarefa (...) Como se tratava de um grande do reino, o rei tinha já confiado a tutela dos quatro filhos ao "Mestre Procurador da Terra de Lavoro" mas, por razões facilmente compreensíveis, frei Tomás preferia que esse cargo ficasse na família. Foi pois procurar o rei em Cápua e obteve dele que a tutela fosse confiada a Roger de Sanseverino, conde de Marsico, o seu outro cunhado, que a exerceu conjuntamente com Adelásia, a mãe das crianças.» (Torrell p. 403-404) Conselhos de S. Tomás

«Embora fosse estranho, num grau espantoso, aos assuntos temporais e profanos, ele que estava inteiramente virado para as coisas divinas, dirigia, quando lhe pediam, as suas faculdades de reflexão para as decisões a tomar no exercício dos assuntos temporais. E dava então conselhos tão avisados e tão úteis que se diria para isso ter requerido a opinião de Deus. Diríamos, com efeito, que ele tinha como que miraculosamente sob os olhos todas as regras que presidem à decisões e ações humanas» (Tocco c. XXXV)

## **S. Boaventura e o Ofício do Corpo de Deus**

«Testemunha da grandeza do seu trabalho também veio de outros grandes santos, como S. Boaventura. Tendo-lhe também sido encomendado pela Santa Sé que escrevesse um ofício para a festa do Corpo de Deus, ao ler apenas uma página dos esforços de Tomás, imediatamente tomou a sua obra (certamente também uma grande obra-prima) e queimou-a

enquanto dormia, o seu ócio era vigilante na contemplação de Deus» (Tocco c.XVIII, nº100)

### **Segredo de S. Tomás**

«Temos da boca de frei Reginaldo, seu companheiro, o que ele pôde observar e guardou segredo durante a vida do nosso doutor. Este frade contou-o depois da morte do mestre, quando regressou à abadia de Fossanova e tinha retomado o seu ensino onde o tinha interrompido. Era, com efeito, leitor no convento de Nápoles.

«Irrrompendo em soluços, disse "Irmãos, o meu mestre tinha-me proibido de revelar durante a sua vida os prodígios aos quais eu tinha assistido e, entre estes, a sua ciência, admirável entre todas, que ele obtinha não apenas pela sua inteligência humana, mas pelos méritos da sua oração. Cada vez que queria estudar, disputar, ler, escrever ou ditar, ele começava por se retirar no segredo da oração, e rezava, banhado em lágrimas, para descobrir os segredos divinos. E pelos méritos da sua oração, saía instruído, com a resposta às questões sobre as quais antes se interrogava. E se alguma dúvida surgia antes de regressar ao seu oratório, punha-se a rezar, e o que era obscuro tornava-se claro, por um milagre divino" (...)

«Os seus secretários revelaram igualmente que, enquanto escrevia o Comentário às Epístolas do bem-aventurado Paulo, em Paris, e que encontrava dificuldades na exposição literal de uma passagem, ele mandava-os embora e fechava-se só na sua célula. Prostrado com a cara na terra, inundava o chão das suas lágrimas, até que, pelos méritos de S. Paulo, seu intermediário junto de Deus, o sentido desse texto se-lhe tornava perfeitamente claro. Chamava então os seus secretários que começavam a escrever aquilo que Deus lhe tinha querido revelar. Era então que eles viam que o lugar onde se tinha prostrado para rezar estava inundado de lágrimas» (Tocco c. XXX).

### **Executor testamentário**

«Dispomos aqui de alguns dados historicamente bem atestados. A 10 de Setembro de 1272, o rei Carlos I fazia saber ao

corda pela janela do castelo. Os frades, prevenidos, recebem-no com alegria e conduzem-no a Nápoles. Louvam o Senhor por ter recuperado José que, como ele, tinha o espírito de inteligência e compreendia melhor que os sábios do Egito. Todos o consideram instruído pela prisão como se tivesse estudado continuamente as disciplinas escolares.» (Tocco c. VIII-XII)

### **Retrato**

«Quanto à disposição natural do seu corpo e do seu espírito, já dissemos que era grande de corpo, de uma estatura alta e direita, que respondia à retidão da sua alma. Era louro como o trigo, indício do seu temperamento bem equilibrado. Tinha uma cabeça grande como exigem os órgãos perfeitos e pedem as faculdades sensíveis ao serviço da razão. O cabelo era um pouco raro» (Tocco c. XXXVIII).

Os colegas «achavam que o Espírito Santo estava verdadeiramente com ele, porque ele tinha sempre com cara alegre, doce e afável» e «inspirava alegria em todos os que o viam» (Tocco c. XXXVI).

«A mãe do seu sócio, Reginaldo, contou também que "quando Tomás passava nos campos, o povo que estava ocupado a trabalhar a terra abandonava os seus trabalhos e precipitava-se ao seu encontro, admirando a estatura impressionante do seu corpo e a beleza dos seus traços humanos. Eles iam à sua frente, mais por causa da sua beleza do que por causa da sua santidade de vida ou nobreza de origem" (Laurent (1940) "*Un légendier dominicain peu connu*", *Analecta Bollandiana* 58, 28-47, p.43)

### **O «boi mudo»**

«Desde que chegou [à Universidade], ouvindo mestre Alberto ensinar com um ensino de tal profundidade e originalidade, o jovem alegrou-se por ter enfim encontrado um tesouro capaz de saciar o seu desejo. Para manifestar que chegara ao fim da sua busca, ele manteve-se espantosamente silencioso, assíduo ao

estudo e fervoroso na oração, memorizando interiormente tudo o que transmitirá depois no seu ensino. Protegido pela sua admirável simplicidade recebia sem ruído as lições ensinadas pelo Mestre e infundidas pela misericórdia divina. Os seus condiscípulos deram-lhe então a alcunha de «o boi mudo», ignorando que mugidos o seu ensino em breve daria. O seu mutismo exterior tornou-se eloqüente em pensamento, para seu grande ganho e benefício de todos. Calando-se, ele não foi prejudicado por nenhuma palavra exterior e adquiriu assim mais rapidamente os hábitos da ciência.

«Como progredia assim em silêncio, todos ignoravam o seu avanço. Mestre Alberto começara a explicação do Tratado «Dos Nomes Divinos» de S. Dionísio e o nosso discípulo escutava com a maior atenção. Ignorando a potência intelectual que se escondia nele, um colega teve compaixão dele e propôs-lhe amavelmente rever com ele a lição. Tomás aceitou e agradeceu humildemente. Ora este tutor bem intencionado enganou-se logo desde o princípio do estudo e frei Tomás, tendo por assim dizer recebido de Deus autorização para se exprimir, apresentou claramente a lição e completou-a, juntando muitas coisas que não tinham sido ditas pelo Mestre. Cheio de admiração, o colega pediu-lhe que passassem a rever juntos as lições para progredirem mutuamente. Tomás aceitou, mas na condição de ele não o revelar a ninguém, para poder continuar na sua discreta simplicidade. O condiscípulo concordou, mas depois censurou-se gravemente por guardar silêncio. Confiou ao mestre de estudantes ter descoberto em Tomás um tesouro insuspeito de sabedoria. Este, escondendo-se na sala onde eles estudam, descobre, com grande satisfação, muito mais do que tinha ouvido do estudante e apressou-se a indicar o aluno a Mestre Alberto, para sua alegria.

«Alberto debateu um dia uma questão difícil e frei Tomás redigiu um apontamento da aula. Por acaso, um estudante encontrou-o no chão junto à sua cela e mostrou-o com alegria ao Mestre de estudos que a leu. Este louvou este furto feliz e pensou que de um silêncio tão persistente e de um comportamento tão simples e transparente não podia deixar de germinar qualquer coisa de grande no segredo da Graça. Encarregou então o Mestre a Tomás de responder, no dia

que lhe eram devidas. Como eles lhe perguntassem por que razão ele tinha mostrado uma cara tão radiosa durante a sua abstração, ele respondeu: "Encontrei um belo argumento para uma questão sobre a qual longamente refleti: o júbilo que mostrei refletia a alegria da minha alma"» (Tocco c.XLIII)

### **Sucesso nas aulas**

“Os estudantes apressavam-se tão numerosos aos seus cursos que os locais mal conseguiam conter todos os jovens que atraía e incitava ao estudo o ensino de um tão grande mestre. Este ensino claro e luminoso fez desabrochar numerosos mestres, tanto religiosos como seculares, graças à forma de ensinar concisa, límpida e ligeira." (Tocco c. XVIII).

### **Horário**

«Cada dia, frei Tomás celebrava missa logo de manhãzinha na capela de S. Nicolau. Outro padre lhe sucedia imediatamente que celebrava por sua vez. Depois de ouvi-la, ele deixava as vestes [sacerdotais] e dava logo os seus cursos. Uma vez acabados estes, ele punha-se logo a escrever e a ditar a vários secretários. Depois comia, voltava à sua cela onde vagueava pelas coisas divinas até ao momento do repouso. Depois do repouso recomeçava a escrever e era assim que ele ordenava a Deus toda a sua vida» (Bartolomeu de Cápua em Processus canonizationis S. Thomae, Neapoli 77, citado em T. 356)

### **Ditar enquanto dormia**

«Conta um dos seus secretários, Even Garvith, um bretão da diocese de Tréguier que, depois de ter ditado a ele e dois outros secretários que tinha, acontecia-lhe, fatigado pelo esforço do ditado, colocar-se em posição de repouso, mas continuando a ditar mesmo a dormir. O referido secretário redigia por escrito o que ouvia da sua boca adormecida, continuando a matéria que antes escrevera enquanto ele ditava acordado. Era como se visse a sua alma administrar no corpo as forças sensitivas e libertar as intelectivas do peso da carne, para poder dizer: "Eu durmo, mas o meu coração vigia" (Ct 5, 2), pois mesmo



quando chegará aquele que vai aplicar o fogo". No momento do tratamento, ele preparou-se estendendo a perna na cama onde devia receber a cauterização, e depois se elevou nta abstração que não sentiu nem a aplicação do fogo nem o cautério. A prova foi que ele não se mexeu absolutamente nada no leito onde tinha estendido a perna. (...) Da mesma forma, em Paris, cada vez que tinha de suportar uma sangria, via-se ele fazer de tal maneira que se separava dos sentidos pela contemplação do seu espírito, antes do cirurgião chegar para abrir as veias. Este, que assim cortava a veia sem qualquer dificuldade, não podia atingir a imaginação do santo doutor, que ele encontrava completamente desligada dos seus sentidos. Ora o nosso doutor era extraordinariamente sensível e as feridas físicas não deixavam de perturbá-lo. Por isso lhe foi permitido, por um milagre divino, viver num corpo sensível, mas poder estar por vezes ser insensível à dor.» (Tocco c. XLVII)

### **Recepção a um cardeal**

«Frei Raymond Étienne conta um fato muito semelhante, que ele soube do arcebispo de Cápua, que foi discípulo do nosso doutor.

«Um cardeal que era então legado no reino e que tinha ouvido sobre o nosso doutor todos estes fatos admiráveis e outros ainda, disse ao arcebispo: "Quereis ordenar que tenhamos uma conversa particular, esse mestre e eu?" Convocado, o mestre desceu do seu estudo, continuando na sua abstração. Eles esperaram longamente que ele sáisse desse estado. De repente, o nosso doutor mostrou uma cara que revelava a alegria da sua alma e disse: "Aqui está! Encontrei o que procurava!" Como ele não mostrava nenhum sinal de reverência a seu respeito, o cardeal começava a mostrar irritação de o ver assim. O arcebispo disse-lhe então: "Senhor, não vos espanteis. Ele está freqüentemente tão absorvido que não fala, quaisquer que sejam as pessoas diante das quais se encontra!" E puxou-lhe violentamente pela capa. Então o nosso doutor, parecendo acordar do sono da contemplação, e vendo que estava na presença de tão altos prelados, inclinou-se respeitosamente diante do senhor cardeal e pediu-lhe que lhe perdoasse por ter estado absorvido tanto tempo e não lhe ter prestado as honras

seguinte diante de todos, a uma questão muitíssimo difícil, o qual, embora pela humildade não o quisesse fazer, o fez, todavia, pela obediência. Dirigiu-se então ao seu lugar habitual de oração e recomendou-se humildemente a Deus com vista a passar este primeiro exame escolar com a ajuda divina, preparando-se para a prova do dia seguinte.

«Chegado o momento Tomás faz preceder os argumentos de uma distinção que respondia inteiramente à questão. O Mestre diz-lhe "Frei Tomás, tu pareces-me tomar não o papel do interlocutor, mas de professor". E este respondeu com reverência: "Mestre, não vejo como abordar este problema de outra forma". Alberto confirmou então: "a tua distinção resolve efetivamente a questão", mas acrescentou-lhe quatro novos argumentos tão difíceis de serem respondidos que pensou com isto tinha colocado a conclusão à questão. Frei Tomás respondeu-lhes amplamente e Mestre Alberto foi tomado por um sopro profético para dizer: "Nós chamamos a este jovem de 'boi mudo', mas ele ainda dará tamanho mugido na doutrina que soará em todo o mundo". Esta profecia está hoje realizada: o seu ensinamento está difundido entre os fiéis do mundo inteiro e a Igreja é ensinada pelas suas palavras.

«Apesar de tal sucesso escolar, o jovem, enraizado na humildade de coração, não caiu no orgulho espiritual. Não mudou nada à simplicidade dos seus hábitos e conservou o mesmo modo de vida, antes como depois. No entanto, o Mestre submete-lhe a partir de então todas as dificuldades escolásticas e ele resolve-as melhor que todos.

«Em seguida, Alberto abordou as questões da Ética de Aristóteles. Frei Tomás anotou conscienciosamente as lições do Mestre e redigiu-as com uma pena eloqüente, profunda e sutil, como que para ornamentar a fonte de tal doutor, que ultrapassa em saber toda a sua geração. Foi bem o modo da divina Providência, permitir assim a Tomás de se manifestar e falar por ocasião da leitura do livro dos "Nomes Divinos". O próprio Deus lhe oferece a oportunidade de esclarecer a doutrina dos Seus nomes desde essa leitura, e de aperfeiçoá-la até ao fim da sua vida. Mesmo no momento da morte, ele não se cala e continua a escrever.» (Tocco c. XIII).

## Obtenção do grau de doutor

### Capítulo XVII - Da visão que teve quando foi feito mestre em Teologia

«Quando o tempo de estudo se esgotou frutuosa e plenamente, chegou o momento em que os bacharéis em teologia deviam ser apresentados ao chanceler da universidade de Paris. Adiantando-se ao período regulamentar, o chanceler pediu ao prior dos Pregadores de Paris para fazer saber de sua parte a frei Tomás que ele se devia preparar para receber o magistério em Teologia, sem respeitar a ordem de antiguidade, que devia ter feito passar outros antes dele. O jovem protestou humildemente, invocando a sua falta de conhecimentos e a sua idade. Mas ele não se pôde escusar ao regulamento que o obrigava à obediência. Então, aceitando humildemente a carga que lhe era imposta, dirigiu-se ao lugar onde tinha o costume de rezar e, prostrado no chão, pediu a Deus, chorando, que lhe concedesse a graça e a ciência necessárias para receber e exercer o magistério, dado que Ele já o tinha coberto de graças apesar da sua indignidade. Começou a rezar o salmo: "Socorro, Senhor, não há quem seja fiel, a lealdade desapareceu de entre os homens" (Sl 12 (11), 2). Depois de ter rezado e chorado muito tempo, adormeceu.

«E eis que um mensageiro do Céu, um velho e venerável frade da sua Ordem, lhe foi enviado, que lhe diz: "Frei Tomás, porque rezais a Deus com estas lágrimas?". E ele respondeu: "Porque o cargo do magistério, para a qual a minha ciência é insuficiente, me foi imposto, e não sei o que vou apresentar como lição inaugural". O velho disse-lhe: "Eis que fostes atendido. Aceitai o cargo do magistério, porque Deus está convosco. Para a vossa lição, eis o que deveis expor: 'Regas os montes desde as tuas altas moradas; com o fruto das tuas obras será saciada a terra' (Sl 104(103) 13)". Com estas palavras, frei Tomás acordou e deu graças a Deus, que o tinha atendido tão rapidamente. E estas palavras não constituíram apenas o tema da sua primeira lição, mas indicaram bem a excelência de toda a sua obra, pois, graças ao que ele recebeu das montanhas da contemplação

## À mesa de S. Luís

«A propósito desta abstração mental e desta contemplação, maravilhosas e inauditas, conta-se que uma vez que S. Luís, rei de França, o tinha convidado para a sua mesa, ele desculpou-se humildemente, por razão do trabalho que representava a Suma de Teologia, que estava a ditar nessa altura. Mas o rei e o prior do convento de Paris obtiveram do mestre, tão humilde como sublime na contemplação, que ele se inclinasse diante da sua vontade. Ele deixou o seu estudo e, guardando no seu espírito os pensamentos que tinha formado quando estava na sua cela, foi ter com o rei. Quando estava sentado à mesa, uma verdade da fé foi-lhe de repente divinamente inspirada. Então bateu na mesa com o punho dizendo: "Desta vez é que está arrumada a heresia dos maniqueus!". Então o prior disse-lhe tocando-lhe: "Tomai cuidado, mestre, pois estais na mesa do rei de França." E puxou-lhe violentamente a capa, para fazê-lo sair da sua abstração.

«Então o mestre, parecendo recuperar os sentidos, inclinou-se diante do santo rei pedindo-lhe que lhe perdoasse de ter tal distração à mesa real. O rei ficou admirado e edificado pela conduta do mestre, pois este, que pertencia à nobreza, podia ter-se deixado encantar pelo convite real e ter-se distraído da sua contemplação. No entanto, foi a abstração do espírito que o dominou, a ponto que os seus sentidos não conseguiram fazer descer o seu espírito das alturas onde se encontrava durante a refeição. O santo rei foi suficientemente avisado para não deixar perder a meditação que tinha assim absorvido o espírito do nosso doutor. Chamou então o seu secretário, para registrar por escrito, na sua presença, o que o doutor guardava no segredo- embora nada se perdesse na memória do doutor daquilo que lhe era infundido pelo Espírito Santo- para que ele o conservasse.» (Tocco c.XLIII)

## Anestesia especial

«A abstração mental do nosso doutor era tão grande que lhe acontecia não sentir as feridas corporais. Um dia em que, por ordem do médico, tinham de lhe fazer uma cauterização na perna, ele disse ao companheiro: "Dizei-me com antecedência

em ciência e ser útil aos outros pela doutrina, mas agradou a Deus, segundo uma revelação que me fez, de me impor silêncio, pondo fim ao meu ensino. Porque Ele quis, como sabeis, revelar-me o segredo de um conhecimento superior. É por isso que, a mim indigno, Deus concedeu mais que aos outros doutores, que permaneceram mais tempo nesta vida, para que eu sáísse mais depressa que os outros desta vida mortal, e que entre, serenado, na vida eterna. Estai pois tranqüilo, meu filho, que morro seguro de todas as coisas.» (Tocco c. LXIII)

### **Distração**

A distração de S. Tomás de Aquino era famosa. Múltiplas histórias a provam. Mergulhado em meditação ou na oração, o santo era capaz de ficar alheio a tudo à sua volta. Alguns casos curiosos são citados na sua biografia:

### **A vela e a mão**

«Estando no seu quarto, enquanto ditava a sua Suma sobre os tratados da Trindade, com uma vela na mão, disse ao seu secretário. "O que quer me vejas acontecer, não me chames". E enquanto mergulhava na sua contemplação, a vela foi consumida ao fim de uma hora, de tal maneira que a chama atingiu os seus dedos: Mas ele não a sentiu, apesar de ela estar longamente em contato com os dedos. Suportou o fogo até à sua extinção sem fazer o menor movimento.» (Tocco c. XLVII)

### **Esquecia de comer**

«[Reginaldo de Piperno, o frade companheiro e secretário] não servia só como discípulo face ao mestre, de filho face ao pai, mas como devoto face ao santo. Devia sem cessar cumprir o papel de ama, devido à abstração quase constante do seu espírito e das freqüentes êxtases que levavam a sua alma ao céu. Era preciso apresentar-lhe a comida necessária à subsistência enquanto estava assim absorvido e pôr diante dele o que ele devia comer, afim de que ele não tomasse por erro, na sua abstração, qualquer coisa de perigoso.» (Tocco c. LXIII)

divina, saciou toda a Igreja das chuvas da sabedoria, como um campo cheio da semente divina.» (Tocco c. XVII)

### **Vida universitária**

### **Humildade**

«Para falarmos das suas virtudes, comecemos pela sua humildade, na qual resumimos o principal, porque ela dá incremento a todas as virtudes. A propósito da sua humildade, conta-se que o nosso doutor dizia, na pureza do seu coração: "Dou graças a Deus de não ter tido nunca, em razão da minha ciência, do alto da minha cátedra de mestre, em nenhum momento da minha atividade professoral, um movimento de vão orgulho que tenha elevado a minha alma da sede da humildade. E se um primeiro movimento veio afectar a minha razão, eu imediatamente o reprimi, recorrendo ao juízo da mesma razão". Ele não poderia nunca ter elevado o seu espírito a essas alturas sublimes, se não tivesse, como fundamento da sua humildade, deixado de lado todas as preocupações humanas. Porque estava consciente de ter a sua ciência de Deus, que Lha tinha concedido. Ele não podia pois conceber na sua alma um culpável sentimento de vã glória. Ele sabia, pelo contrário que, em cada dia, a verdade divina afluía a ele. A simplicidade do seu comportamento era um sinal da sua humildade, o reflexo do interior da sua alma. Quando o admirável doutor descia dos cumes da contemplação das coisas divinas para as coisas humanas, o seu trato era tão fácil e a sua conversa tão agradável, que mostrava claramente que seguia o exemplo de Cristo, de que tinha tido o privilégio de conhecer a vida pela contemplação, e depois a ensinar pela pregação. Porque ele não poderia ter obtido de Deus tanta ciência se não tivesse na sua vida seguido as suas lições de humildade.» (Tocco c. XXV)

### **O serviço do frade apressado**

«Acerca desta notável humildade diz-se que, quando o dito doutor estava no convento de Bolonha, tinha o costume de andar em contemplação sozinho pelos claustros. Então um certo irmão de outro convento, que não conhecia o doutor, veio a Bolonha e pediu e obteve licença do prior para levar o primeiro

frade que encontrasse para o ajudar num assunto seu na cidade. Encontrou Frei Tomás e disse-lhe: "Bom frade, o prior manda que venhas comigo". E ele, inclinado a cabeça, seguiu-o. No caminho, como Tomás não conseguia andar depressa, o seu companheiro ralhava-lhe e ele humildemente pedia desculpa. Os cidadãos, que o conheciam, estranharam que um doutor tão importante seguisse um frade de baixa condição, o que era muito surpreendente. Pensando que isso se devesse a um erro, disseram ao frade quem era aquele que o seguia. Ele então pediu muita desculpa a Tomás, pela sua ignorância. Os cidadãos, juntaram-se à volta do Mestre com respeito e interrogaram-no sobre este notável exemplo de humildade. Ele respondeu-lhes então que a vida religiosa não se pode seguir senão na humildade, pela qual o homem se submete ao homem por amor de Deus, tal como Deus obedeceu ao homem por amor do homem.» (Tocco c. XXV)

### **Controvérsia com o franciscano João de Peckam**

«Um outro exemplo de humildade, sinal da perfeição do nosso doutor, foi-nos relatado pelo testemunho verídico dos que estavam com ele em Paris.

«Um religioso tinha de se apresentar à tarde diante do chanceler com vista a obter o magistério, segundo o costume. Às questões que lhe eram colocadas, o candidato respondeu sustentando uma opinião contrária à verdade que frei Tomás tinha determinado nos seus cursos. Este reagiu com uma grande paciência, sem ver prejuízo no fato de ser contradito por um mestre ainda noviço. Magnânimo, não fez caso do desprezo que lhe era assim testemunhado. Com a alma tranqüila e o verbo sereno, ele voltou ao convento com os companheiros da sua Ordem.

«Mas os estudantes e o companheiro de Tomás, não podendo tolerar a afronta que tinha sido feita ao seu mestre, disseram-lhe: "Mestre, nós fomos gravemente ofendidos na vossa pessoa. Este mestre não devia ter ido contra a vossa opinião, e vós não devíeis ter suportado esta afronta em presença de todos os mestres de Paris". O mestre, sereno nas suas palavras, e ainda mais na sua alma, respondeu-lhes: "Filhos, pareceu-me que este

novo mestre devia ser poupado durante o seu exame, e não ser confundido diante de todos os mestres. Eu não duvido da minha doutrina porque um mestre a contradisse, quando a tenho solidamente fundada, com a ajuda de Deus, sobre as autoridades dos santos e sobre raciocínios conformes à verdade. Mas se os irmãos julgam de outra forma, amanhã eu poderei suprir o que hoje não fiz".

«No dia seguinte, frei Tomás e os seus estudantes encontraram-se com os outros no palácio de sua eminência o bispo, para a cerimônia. Como o candidato repetia as mesmas questões e as mesmas respostas sem lhes dar correção, frei Tomás disse com a maior das moderações: "Mestre, a vossa posição não pode ser sustentada sem desprezo pela verdade, porque ela contradiz o concílio de ... Precisais de mudar de opinião, se não quereis estar em desacordo com esse concílio". Então o candidato pôs-se a formular o seu pensamento de outra forma, mas sem mudar de opinião. E o doutor interveio de novo e tornou a opor-lhe o texto do concílio. Acabou por conduzi-lo a confessar o seu erro e a pedir humildemente ao doutor que lhe fizesse conhecer mais profundamente a verdade. Frei Tomás disse-lhe: "Agora, falais bem", e ensinou-lhe o que se devia defender como verdade. Todos os mestres admiraram a calma do seu espírito e da sua atitude. Ele tinha, de fato, confrontado um adversário da mesma forma como teria ensinado um aluno.» (Tocco c. XXVI)

### **Recusa das honras eclesiásticas**

«Quando estava moribundo, o bom doutor não esquecia o seu discípulo e queria consolá-lo. Frei Reginaldo tinha revelado ao mestre uma das causas da sua tristeza: ele tinha esperado que no concílio de Lião onde ele se dirigia, o doutor lhe visse atribuída qualquer distinção importante, que honraria a Ordem e acrescentaria à glória temporal da sua família.! Então o santo doutor, que sempre se tinha contentado apenas com o amor da divina sabedoria, acima do mundo e muito para lá de toda a honra temporal, diz-lhe: "Meu filho, não vos inquieteis disso. Entre outros desejos, pedi a Deus e obtive, pelo que Lhe dou muitas graças, de me tirar desta vida no estado de humildade onde me encontro, sem que qualquer autoridade me atribua uma distinção que mudasse este estado. Eu poderia progredir ainda